

Maria junto à cruz de Cristo (Jo 19, 25): uma análise bíblica inspirada na Cruz da Unidade do Movimento Apostólico de *Schoenstatt*.

Ewerton Angelo da Silva Santana¹

RESUMO

O presente artigo trata sobre a presença de Maria junto à cruz de Cristo a partir de uma análise bíblica representada na cruz da unidade de Movimento Apostólico de *Schoenstatt*, tão bem conhecida entre os católicos. Dividido em três partes, o artigo parte de um panorama exegético até chegar ao sentido iconográfico da cruz da unidade, na qual se encontra a figura de Maria, a mulher-mãe que esteve de pé junto à cruz. A presença de Maria no Calvário é bastante estudada na mariologia bíblica, porém aqui o objetivo é entender tudo isso através da cruz da unidade. A intenção de evidenciar a presença ativa de Maria junto à cruz fica bem clara no transcurso da leitura. A mãe de Jesus cuida e é cuidada, recebe e é recebida, ama e é amada. É uma aliança de amor selada primeiramente entre Jesus, Maria e o discípulo amado. Não existe a pretensão de tirar a centralidade trinitária e cristológica da cruz, mas sim de entender o aparecimento de Maria na cruz como também presença da Igreja, que Ela representa. Por fim, chega-se em *Schoenstatt*, o belo lugar do jardim da ressurreição, de onde ecoa a notícia da vitória de Cristo e que Maria também é vencedora, pois quem morre com o Cristo também ressuscita com Ele.

Palavras-chave: Presença. Mãe. Cruz. De pé. *Schoenstatt*.

INTRODUÇÃO

Maria é uma mulher presente, atual e atuante. A sua doce presença não está limitada a uma dimensão física, mas também teológica. Em vários momentos da vida de Jesus a sua mãe esteve presente e, de modo especial, no Calvário, onde viu a carne da sua carne sofrer injustamente.

A presença de Maria junto à cruz mostra coragem, fé, esperança da ressurreição e comunhão com Deus e com a Igreja. Tão grande é a importância da mãe de Jesus neste momento, que muito já se falou e até hoje se fala sobre a sua atitude de estar de pé junto à cruz.

¹Seminarista da Arquidiocese de Olinda e Recife, bacharel em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (2019), Pós-graduado em Direito Processual e Matrimonial Canônicos pela Universidade Católica de Petrópolis-RJ (2022), estudante de Teologia na Universidade Católica de Pernambuco.

Tudo isso não ficou somente nas páginas da Bíblia e nos escritos de teologia, mas chegou também à iconografia, principalmente através da cruz da unidade, difundida no mundo cristão pelo Movimento Apostólico de *Schoenstatt* e que tão bem representa o relato de João 19, 25. Essa cruz foi criada no Estado do Rio Grande do Sul e tornou-se “uma das cruzes mais difundidas em todo o mundo e usada por muitos católicos e comunidades religiosas” (MAFRA, 2021, schoenstatt.org.br – artigos).

1 UM PANORAMA SOBRE A EXEGESE BÍBLICA DE JO 19, 25

²⁵ Estavam junto à cruz de Jesus sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria de Cléofas, e Maria de Mágdala².

É inegável a presença da mãe de Jesus em momentos importantes e desafiadores da sua vida, pois é inerente às mães o ato de acompanhar os passos dos filhos, tanto na alegria como na tristeza. Muito vasta é a literatura sobre os versículos 25 a 27 do capítulo 19 do Evangelho segundo João. Neste pequeno artigo, focaremos somente no versículo 25, que versa sobre a presença de Maria junto à cruz de Jesus e os seus desdobramentos.

O versículo 25 fala sobre a presença de três mulheres junto à cruz de Jesus, acompanhadas pelo discípulo amado. É indiscutível que a presença de Maria seja a mais importante e significativa. Os Evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos, e Lucas) também afirmam que algumas pessoas estavam presentes no calvário. A presença das mulheres neste momento doloroso é bastante importante e interessante. Contudo, os sinóticos falam que todos (as) estavam distantes, apenas assistindo àquele massacre.

Em contrapartida, João coloca quatro pessoas junto à cruz, dentre as quais, como já foi afirmado, destaca-se Maria:

O Evangelho segundo João é o único a registrar a presença da mãe de Jesus no momento da morte do seu filho. Ela já tinha aparecido uma vez neste Evangelho, em seu início, nas bodas de Caná (Jo 2, 1-5), e volta a aparecer agora (Jo 19, 25-27), quando o Evangelho caminha para seu final (MALZONI, 2018, p. 289).

² Tradução de *A Bíblia: Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2015.

Como tudo na Bíblia, a presença de Maria nesta hora da agonia de Jesus tem um significado rico, sendo objeto de várias interpretações e estudos. Depois de citar os nomes dos que estavam junto à cruz, o relato joanino mostra que Jesus foca em duas pessoas: Maria e o discípulo amado, talvez as mais importantes da sua vida, entregando um ao outro, “quase um ato de adoção” (RATZINGER, 2011, p. 200). Nesta perspectiva, afirma Malzoni: “Tomando-se em consideração que o Discípulo Amado representa a comunidade da qual provém este Evangelho, isso significa que essa comunidade fica sob a proteção da mãe de Jesus e cuidará de sua memória como mãe” (2018, p. 290).

A entrega mútua da mãe ao filho e do filho à mãe, bem como o seu rico significado, é o que dá a tônica à presença de Maria junto à cruz, ocasião em que tudo se completa (KRIEGER, 2001, p. 63), conforme destaca o teólogo alemão Ratzinger: “Ao discípulo, que o é verdadeiramente na comunhão de amor com o Senhor, é confiada a mulher: Maria, a Igreja” (2011, p. 201).

Nesse sentido, ao se tecerem considerações sobre este cenário supracitado, Fabris e Maggioni concluem: “Maria não é indicada pelo nome, mas como ‘mãe’ (mãe de Jesus, a mãe, tua mãe): não um nome, mas uma função, um símbolo; podemos dizer: uma pessoa representativa” (2006, p. 471).

Convém lembrar que Jesus não chama Maria de mãe, mas de mulher, um apelativo para evocar Gn 3, 15 e fazer um paralelo: “na nova criação, que começa com Cristo, o novo Adão, Maria é a nova Eva (cf. RMa 24) (KRIEGER, 2001, p. 63).

2 MARIA JUNTO À CRUZ DE CRISTO: LOUCURA, CORAGEM OU FÉ NA RESSUREIÇÃO?

São Paulo afirma que o anúncio do Cristo crucificado é “escândalo para os judeus e loucura para os gentios” (1Cor 1, 23). Se o ato de anunciar foi motivo de escândalo e loucura, pode-se perguntar: quem teria coragem de estar junto à cruz?

O compositor e liturgista Reginaldo Veloso (1937-2022) afirma que Maria era uma “mulher do povo, sintonizada e lúcida, de olho em tudo o que acontecia a seu redor, faminta e sedenta de justiça” (Revista de Liturgia, edição 292 julho/agosto de 2022, p. 36). Sendo assim,

seria muito improvável que Maria, a verdadeira Filha de Sião, não estivesse junto à cruz de seu Filho, algo que também manifesta a presença de todo o resto santo de Israel.

Com e como o Filho, Maria é a vencida-vencedora. Essa perícopa é a teodiceia dos perdedores da história. Ela abre à 'espiritualidade do fracasso'. Derrotas podem acontecer a todos, especialmente aos que lutam para mudar a sociedade na justiça. A Mãe de Jesus, de pé junto da cruz, mostra que a derrota das causas justas é o reverso moral de sua vitória futura, bem como fase e condição espirituais de seu triunfo definitivo. *Per crucem ad lucem* (BOFF, 2006, p. 445).

Seguindo este fio condutor, cumpre destacar mais uma vez a postura de Maria no Calvário. Ela estava de pé e, a partir desse gesto, assume uma posição litúrgica, sendo sinal de fidelidade, exemplo para toda a comunidade e representante da Igreja: "O estar de pé expressa sobretudo respeito, prontidão, disposição de ação, resposta" (BECKHÄUSER, 2015, p. 51-52). A vida de Maria foi um constante estar de pé.

A coragem, a fé e a prontidão da Mãe de Jesus junto à cruz é aquela mesma que os apóstolos só receberão em Pentecostes, ocasião em que o medo é dissipado e a fé é fortalecida pela ação do Espírito Santo.

Assim também a Santíssima Virgem avançou no caminho da fé e conservou fielmente a união com seu Filho até a cruz, junto da qual, por desígnio de Deus, se manteve de pé (cf. Jo 10,25); sofreu profundamente com o seu Unigênito e associou-se de coração maternal ao seu sacrifício, consentindo amorosamente na imolação da vítima que ela havia gerado... (LG, 58).

Junto à cruz, Maria não se tornou somente a mãe do discípulo amado, mas a Mãe da Igreja. Além da leitura eclesiológica, existe também uma chave de interpretação deste relato joanino no âmbito social, conforme destaca o Frei Clodovis Boff: "Maria de pé junto do Crucificado é a imagem-guia de todos os que permanecem firmes junto das infinitas cruces que se levantam ao longo dos tempos. Essa resistência interior é semente da ressurreição, tanto dentro como depois da história" (2006, p. 445).

3 O MOVIMENTO APOSTÓLICO DE *SCHOENSTATT* E A CRUZ DA UNIDADE À LUZ DE JO 19, 25

O Movimento Apostólico de *Schoenstatt*, fundado em 1914 pelo Padre José Kentenich (1885-1968), na Alemanha, tem como carisma viver uma Aliança de Amor com Aquela que estava de pé junto à cruz.

Depois do Deus Uno e Trino, Maria é a grande protagonista e educadora do referido movimento, no qual é venerada com o título de Mãe, Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável de *Schoenstatt*. É de bom alvitre citar que cada um dos adjetivos dados a Maria possui um rico significado teológico, mariológico e espiritual.

A cruz é um símbolo cristão e “está plantada em toda parte. Encontramo-la nas igrejas, nas casas, nas praças, em repartições públicas, à beira das estradas e nos cimos das montanhas” (BECKHÄUSER, 2015, p. 39). A cruz também está plantada em *Schoenstatt*, um movimento de grande riqueza de símbolos. Dentre os importantes símbolos, destaca-se a cruz da unidade, que bem representa a cena de Maria junto à cruz do Cristo, de acordo com a descrição do Evangelho segundo João, no versículo 25 do capítulo 19.

Presente nos baldaquinos dos retábulos de todos os Santuários da Mãe Rainha e nas outras edificações *schoenstattianas*, a cruz da unidade destaca a imagem de Cristo, de Maria e o símbolo do Pai, isto é, um olho dentro de uma forma triangular. De acordo com Roger e Vilches, “a Cruz da Unidade expressa a bi-unidade que Schoenstatt quer proclamar: Cristo é inseparável de Maria e Maria é inseparável de Cristo” (2020, schoenstatt.org – artigos). Maria participa ativamente da entrega de Cristo na cruz e nos convida a esta mesma entrega através da Aliança de Amor.

Sobre a origem, a fundamentação bíblico-teológica e a compreensão *schoenstattiana* da cruz da unidade, pode-se destacar mais uma afirmação de Roger e Vilches:

“Junto à cruz de Jesus estava sua Mãe, de pé”, disse o Evangelista João. A representação simbólica – que o autor...tomou de uma antiga imagem da abadia alemã de María Laach – mostra-a junto a seu Filho crucificado, recolhendo num cálice o sangue do seu corpo. É a “companheira e colaboradora permanente de Cristo em toda a Obra de Redenção”, nas palavras do Pe. José Kentenich (2020, schoenstatt.org.br – artigos).

Como se vê, a cruz da unidade é também a cruz de Maria, pois evidencia a sua presença junto ao seu amado e divino Filho no momento em que tudo é consumado: “a cruz da unidade é portadora de uma grande simbologia cristológica e mariana” (MAFRA, 2021, schoenstatt.org.br – artigos). A presença de Maria junto à cruz é um ponto culminante de tudo aquilo que ela viveu e proclamou. Uma prova disso é a continuidade existente entre Caná e o Calvário, ou seja, Maria sempre esteve ao lado de Jesus, isto é, em comunhão.

Outro elemento interessante da cruz da unidade é que Maria segura um cálice que apara o sangue e a água que jorram do lado aberto de Cristo. Para muitos estudiosos, o sangue e a água saídos do lado aberto são um dos gestos fundacionais da Igreja, ao passo que a *Ecclesia* tem a sua origem sob a proteção de Maria, aquela que é o seu modelo e que já vive tudo aquilo que a Igreja viverá nas núpcias eternas. Por isso que tudo o que se fala sobre Maria pode-se falar sobre a Igreja e vice-versa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Maria junto à cruz é mãe, é admirável, é vencedora, é Igreja. Ela não estava ali para assistir a um espetáculo de horror, mas para receber uma missão do seu Filho convalescente. O cálice segurado por ela na cruz da unidade nos convida à comunhão eclesial, da qual se torna sinal, prefiguração e exemplo.

Pôde-se compreender que Maria também é modelo de solidariedade para com os sofredores, é a mulher da compaixão, aquela que sofre com os que sofrem. Assim como no relato joanino, *Schoenstatt* faz ecoar uma presença silenciosa, mas não passiva de Maria. Ela nada fala, apenas diz um amém no mais íntimo do seu coração para tudo aquilo que o seu Filho pronuncia.

Que o exemplo de Maria, a mulher-mãe de *Schoenstatt*, inspire os cristãos a permanecerem de pé e em unidade às cruces da própria vida e da vida do próximo, promovendo a unidade que ela vive com seu Filho, nosso Redentor.

REFERÊNCIAS

BECKHÄUSER, Frei Alberto. *Símbolos Litúrgicos*. Petrópolis: Vozes, 2015.

BÍBLIA. São Paulo: Paulinas, 2015.

BOFF, Clodovis M. *Mariologia social: o significado da Virgem para a Sociedade*. São Paulo: Paulus, 2006.

CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen gentium: Constituição dogmática sobre a igreja*. São Paulo: Paulinas, 2003.

KRIEGER, Murilo S. R. *Com Maria, a Mãe de Jesus*. Paulinas, 2002. 2ed.

MAFRA, Marcelo. *Os símbolos da TABORfest: a Cruz da Unidade*. Disponível em: < <https://schoenstatt.org.br/2022/02/19/os-simbolos-da-taborfest-a-cruz-da-unidade/>>. Acesso em: 23 de abril de 2023.

MALZONI, Cláudio V. *Evangelho segundo João*. São Paulo: Paulinas, 2018.

MAGGIONI, Bruno. O evangelho de João. In: FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os evangelhos (II)*. São Paulo: Loyola, 2006.

RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré: da entrada de Jerusalém até a Ressurreição*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil. 2011.

ROGER, Carmen; VICHES, María Elena. *A Cruz da Unidade em Schoenstatt*. Disponível em: < <https://schoenstatt.org.br/2020/03/13/a-cruz-da-unidade-em-schoenstatt/>>. Acesso em: 20 de abril de 2023.